

[Envie para um amigo](#)[Versão para impressão](#)[Comunicar erro](#)[RSS](#)

Tamanho:

O PROJETO

[HOME](#)[SOBRE O PROJETO](#)[AUTORES E OBRAS](#)[ORIENTADORES](#)[FALE CONOSCO](#)[A CRÍTICA](#)[SESI CULTURA](#)

NOTÍCIAS

[IMPRENSA](#)[ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#)

MULTIMÍDIA

[GALERIA DE FOTOS](#)

Fique por dentro de todas as novidades do Núcleo de Dramaturgia.

O mundo fantasmagórico de humanos e inumanos

G+1 0

Curtir 90

por *Luciana Romagnoli*

clique para ampliar



Imagem (Foto: Cayo Vieira)

O mundo fantasmagórico evocado pela dramaturga Ana Johann e pelo encenador Thadeu Peronne no espetáculo “Eu Grito Que...” recia no palco a escuridão noturna de um cemitério: local tomado como limbo entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Não só onde mães e viúvas pranteiam sobre tumbas nem só encontro de almas penadas. O singular da obra é fazer desse um espaço para dar voz ao recém-morto e ao susto de sua condição.

Ao apreender os instantes finais de uma consciência ainda moldada por padrões humanos, mas prestes a se liquefazer entre as carnes putrescentes, a dramaturgia enfrenta o horror ao cadáver – próprio ao homem da crença (aquele que nega a podridão com imagens sublimes) e ao homem da tautologia (o que se satisfaz em não ver além da materialidade), como notou o

filósofo francês Didi-Huberman.

Para isso, recorre a um contraponto infantil, cuja inocência exacerba o contraste com a crueza (ou crueldade) da morte. Uma criança surge como personagem, assim como duas mulheres e mãe, ao lado de formas inumanas (o grito, o saber) coerentes com a passagem do ser ao não ser proposta na situação teatral.

A direção opera uma inversão: corporifica o grito na figura de uma atriz de baixa estatura presa ao elástico, enquanto desmaterializa a criança de quem só se ouve, justamente, o grito. Trata-se de uma estratégia ambígua de vincular o que poderia ser lido como partes divididas de um mesmo ser, mas sem fechar os sentidos dessa leitura.

A mistura de referências humanas às inumanas configura um espaço de estranheza e de obscuridade. Por não saber as leis que o regem, o espectador é surpreendido pelas curvas que estados emocionais inesperados traçam na dramaturgia, bordejando pelo cômico e pelo trágico. Assim funcionam, por exemplo, a trajetória

de desapego dos bens materiais até a desintegração de uma das mulheres; a leviandade de outra personagem que desata em violência; e as constatações da morta recente.

Ana Johann dosa as sugestões ofertadas nas falas, de modo a mais intrigar o espectador, que vai construindo paulatinamente sua compreensão do que vê. Na direção, Thadeu Peronne trabalha com os atores distintas modulações vocais, que distinguem e particularizam os seres em cena, dando vida ao texto nas falas. E elabora imagens poderosas de figuras humanas esticadas.

A ausência de um desenho de luz determinado impede que tais imagens ganhem mais potência. Porém, ao entregar uma lanterna a alguns espectadores na entrada do teatro, sem maiores orientações sobre seu uso, o diretor abre possibilidades para uma experiência distinta de iluminação e de expectativa: a luz sai do âmbito estético para se tornar um elemento dramático, mais especificamente, de uma dramaturgia do espectador.

Esta proposta alarga a ideia do teórico argentino J. Dubatti de que cabe ao espectador a criação receptiva e, ao artista, a criação produtiva do espetáculo, permitindo a parte do público momentos de criação produtiva, sim, na decisão de quando, como e o que iluminar da cena. Ação que reforça a experiência sensorial associada à noite no cemitério: de escuridão e de desbravamento do oculto.

| [Compartilhe](#)

[Envie para um amigo](#)

[Versão para impressão](#)

[Comunicar erro](#)

[RSS](#)

Tamanho:

SESI - Serviço Social da Indústria - Direitos Reservados
Curitiba/PR - 0800 648 0088